

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora,
o texto completo desta tese será
disponibilizado somente a partir
de 18/08/2025

Tamiris Vianna da Silva

**Produção textual no vestibular da UNESP
(Universidade Estadual Paulista): uma análise discursiva**

**Production textuelle dans le concours d'entrée à l'UNESP
(Université de l'État de São Paulo): une analyse discursive**

São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
2023

Tamiris Vianna da Silva

**Produção textual no vestibular da UNESP
(Universidade Estadual Paulista): uma análise discursiva**

**Production textuelle dans le concours d'entrée à l'UNESP
(Université de l'État de São Paulo): une analyse discursive**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, Brasil, e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Lille, Câmpus Pont de Bois, Lille, França, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos e em Ciências da Educação, respectivamente.

Financiadoras

CAPES/PrInt (Processo: 88887.570739/2020-00) e

CAPES/PROEX (Processo: 88887.706687/2022-00)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Correa Silveira Galli

Coorientador: Prof. Dr. Bertrand Daunay

São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

2023

Silva, Tamiris Vianna da
S586p Produção textual no vestibular da UNESP (Universidade Estadual Paulista): uma análise discursiva / Tamiris Vianna da SILVA. – São José do Rio Preto, 2023
191 p. : il.

Tese (doutorado com dupla titulação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto e Universidade de Lille.

Orientadora: Fernanda Correa Silveira Galli
Coorientador: Bertrand Daunay

1. Análise do discurso. 2. Sujeito. 3. Vestibulando. 4. Produção textual. 5. Leitura. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Tamiris Vianna da Silva

**Produção textual no vestibular da UNESP
(Universidade Estadual Paulista): uma análise discursiva**

**Production textuelle dans le concours d'entrée à l'UNESP
(Université de l'État de São Paulo): une analyse discursive**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, Brasil, e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Lille, Câmpus Pont de Bois, Lille, França, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos e em Ciências da Educação, respectivamente.

Financiadoras

CAPES/PrInt (Processo: 88887.570739/2020-00) e

CAPES/PROEX (Processo: 88887.706687/2022-00)

Comissão examinadora

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli – Orientadora
UNESP/Ibilce-São José do Rio Preto e UFPE-Recife, Brasil

Prof. Dr. Bertrand Daunay – Coorientador
Universidade de Lille – Lille, França

Profa. Dra. Fabiana Komesu
UNESP/Ibilce – São José do Rio Preto, Brasil

Profa. Dra. Marina Célia Mendonça
UNESP – Araraquara, Brasil

Profa. Dr. Bernard Schneuwly (rapporteur)
Universidade de Genebra – Genebra, Suíça

Profa. Dr. José Antônio Brandão Soares Carvalho (rapporteur)
Universidade do Minho – Braga, Portugal

Suplentes

Prof. Dr. Eduardo Penhavel
UNESP/Ibilce – São José do Rio Preto, Brasil

Prof. Dr. Luiz André Brito
Ufscar – São Carlos, Brasil

São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
18 de agosto de 2023

Resistir para (re)existir e (re)inventar!

AGRADECIMENTOS

Para a teoria discursiva, não há neutralidade em linguagem e, tampouco, repetição sem deslocamento de sentidos. Este trabalho, fruto de uma tese de doutorado, é um ponto de vista entre tantos que busca meios de resistir a discursos que sustentam ideologias hegemônicas dominantes, fazendo mover, quem sabe, para sentidos outros.

Sinto-me grata e honrada por chegar ao fim de mais uma etapa de minha caminhada – pessoal e acadêmica – porque está tudo imbricado. Eu não poderia ter me deslocado e ter dado outro(s) sentido(s) a minha vida sem a presença de vários outros a quem gostaria de agradecer neste momento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço ao projeto Capes/Print pelo financiamento de meu Doutorado-Sanduíche na Universidade de Lille por meio do projeto *Autoria em diferentes grandes áreas de conhecimento/Authorship in Different Fields of Knowledge* processo número 88887.570739/2020-00. Também, à Capes/PROEX, pela concessão de financiamento após meu retorno ao Brasil, para finalização desta tese. Sem essa oportunidade, com certeza, o trabalho teria sido diferente.

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli, professora e pessoa inspiradora, que aceitou me orientar, me incentivando, desde sempre, a seguir meu desejo de realizar este trabalho. Sou grata por toda contribuição acadêmica, competência, humanidade, amizade, afeto e leveza com que sempre me acolheu ao longo desse longo processo de doutoramento. Da nossa parceria, levo comigo que há sempre uma brecha para outras possibilidades e caminhos a serem trilhados.

À Profa. Dra. Fabiana Komesu, uma professora e acadêmica brilhante, inspiradora. Obrigada por toda contribuição, apoio, suporte e amizade, especialmente no período em que estive fora do país. Agradeço também pelas valiosas e generosas contribuições feitas nas ocasiões do Exame Geral de Qualificação bem como de Defesa desta tese.

Ao Prof. Dr. Bertrand Daunay, que me recebeu em Lille para o estágio de doutorado-sanduíche e, posteriormente, abraçou meu projeto para uma parceria de doutorado em cotutela entre a Unesp e a Universidade de Lille. Obrigada pelos diálogos que me deram oportunidade de muito aprender com suas sugestões e orientações.

À Profa. Dra. Marina Célia Mendonça, por ter acompanhado o andamento deste trabalho. Obrigada pelas excelentes contribuições nas diferentes ocasiões: do debate no SELIN, passando pelas bancas de qualificação e de defesa.

Aos professores José Antônio Brandão Soares Carvalho e Bernard Schneuwly por aceitarem compor a banca de defesa deste trabalho, bem como serem “rapporteurs” para o lado da Universidade de Lille. Aproveito ainda para agradecer a leitura atenciosa que fizeram do trabalho.

A todos os professores e professoras que fizeram parte de minha formação na UNESP/IBILCE desde a graduação, passando pelo mestrado e, agora, no doutorado.

À professora Karina Rodrigues, que me auxiliou e me apoiou no rápido aprendizado da Língua Francesa para ocasião do exame de proficiência Delfi.

A Paulo Del Bianco, pelo contato com a Fundação VUNESP, a qual concedeu autorização para acesso ao material que compõe o *córpus* de análise deste trabalho.

À Fundação VUNESP, pela concessão do material que serviu como *córpus* deste trabalho.

Ao PPGEL/IBILCE, pelo apoio na realização do acordo de cotutela com a Universidade de Lille. Aos funcionários da seção de pós-graduação UNESP, por sempre me atenderem e auxiliarem com as demandas administrativas e burocráticas. Agradeço especialmente à Silvia Emiko e à Mariangelica Pereira Conejan (PROPG), que muito me auxiliaram com o processo.

Ao laboratório CIREL (Théodile), da Escola Doutoral SHS (Sciences de L'homme et de la Société), pela parceria no acordo de cotutela, bem como aos funcionários da pós-graduação da Universidade de Lille, que também me auxiliaram com as questões administrativas e burocráticas. Agradeço especialmente à Madame Valérie Lantoiné, secretária do CIREL, e à Madame Sabrina Abed, responsável administrativa da ED SHS.

Aos professores Cédric Fluckiger e Daniel Bart, que fizeram parte do Comitê de Tese na Universidade de Lille.

Aos amigos e colegas que encontrei ao longo desse curso de doutorado, Jean Michel, Milena Molinari, Pâmela Berton, Helena Boschi, com quem pude compartilhar angústias e dúvidas que sempre atravessam um pós-graduando.

Aos amigos afetos de outro espaço-tempo: aos de ontem, aos de hoje, aos do Brasil e aos da França. Agradeço pelos encontros afetuosos, que me fizeram acreditar que vale a pena nos deixar afetar. Como já disse Antoine de Saint-Exupéry, “cada um que passa em nossa vida passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra”.

A minha psicanalista Alessandra Maestrelí, que, tantas vezes, segurou minha mão e ajudou a me resgatar...

A Ted e a Bella, pela companhia amorosa e silenciosa, na finalização da escrita desta tese. Obrigada, meus amores.

A minha querida tia Rosane, sempre carinhosa e disposta a segurar a mão quando necessário.

A meu querido primo Marcelo, sempre sensível, afetuoso e disposto a ajudar.

A minha irmã Leticia, pelo carinho.

A minha avó Joana, que sempre me incentivou, me apoiou e torceu pelo meu sucesso profissional e pessoal, fazendo sempre me sentir amada e querida em sua especial presença.

A meu pai (*in memoriam*), que, certamente, estaria feliz pelos meus deslocamentos na vida.

A minha mãe, grande amor de minha vida, por ser fonte de verdadeiro amor nos momentos felizes e também nos difíceis. Agradeço por ter sempre acreditado em mim e por sempre ter me apoiado em todas as minhas decisões, desde quando, jovem, comecei a estudar e você fez tudo o que estava a seu alcance (e até mais) para que eu pudesse seguir com os estudos. Se hoje cheguei até aqui, muito é porque tive você como mãe. Como já disse Carlos Drummond de Andrade, “mãe não tem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento”.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e
depois desinquieta. O que ela quer da gente é
coragem.

(ROSA, J. G., 2001, p. 293)

RESUMO

Neste trabalho, inscrito na linha teórico-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante, AD), especialmente referente às reflexões de Michel Pêcheux, temos como proposta analisar os modos de textualização dos discursos que emergem nas provas de redação para o ingresso no vestibular da UNESP (Universidade Estadual Paulista). Tomando como materialidade discursiva os textos produzidos nesse contexto, procuramos descrever e interpretar gestos de leitura e de interpretação do vestibulando durante (seu) processo de produção textual-discursiva para, assim, compreender as formações ideológicas e discursivas em que se inscreve. Pela análise de textos que atingiram nota máxima no vestibular da UNESP para entrada no ano universitário de 2017, cujo tema foi “A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?”, apresentamos alguns percursos de leitura de candidatos a esse exame, considerando, como ponto de partida, o conceito de paráfrase e de polissemia, teorizado por Eni Orlandi. Pelo nosso olhar (também afetado pela subjetividade), descrevemos o modo como o vestibulando se posiciona a respeito da proposta temática abordada nessa prova de redação. Conforme a análise demonstra, há dispersão de leituras, a qual pode ser discutida por meio de regularidades que constituem os textos. Vemos que, ao se inscrever, o sujeito é afetado pela ilusão de se comunicar com um sentido único, mas é constituído, inevitavelmente, pela contradição, pelo equívoco, como prevê a teoria discursiva. Compreendemos que o equívoco não significa um acontecimento a ser observado de forma negativa ou até mesmo taxativa, como assim o fazem teorias aliadas a valores normativo-prescritivos. Pelo contrário: esses equívocos são constitutivos - da língua e do sujeito - ambos atravessados pela ideologia. Dessa maneira, procuramos demonstrar que não existem garantias de univocidade e de estabilização do discurso, o que pode ser observado por alguns pontos de deslizamentos, por meio dos quais esse vestibulando deixa rastros de sua constituição histórico-ideológica, demonstrando, assim, a pluralidade dos gestos de leitura. Por meio desses gestos plurais, procuraremos descrever e demonstrar os diferentes efeitos de sentido da produção discursiva dos vestibulandos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Sujeito. Vestibulando. Produção textual. Leitura. Formação ideológica. Formação discursiva.

RESUMÉ

Dans ce travail, inscrit dans la ligne théorique-méthodologique de l'analyse du discours française, surtout les réflexions de Michel Pêcheux, notre proposition est d'analyser les modes de textualisation des discours qui émergent dans les épreuves écrites d'admission aux examens d'entrée à l'université de l'UNESP (Université de l'état de São Paulo). En prenant comme matérialité discursive les textes produits dans ce contexte, nous cherchons à décrire et à interpréter les gestes de lecture et d'interprétation du candidat au cours de (son) processus de production textuelle-discursive pour ainsi comprendre les formations idéologiques et discursives dans lesquelles il s'inscrit. À partir de l'analyse des textes qui ont obtenu les meilleures notes au concours d'entrée à l'UNESP pour l'année universitaire 2017, dont le thème était " La richesse de quelques-uns profite-t-elle à l'ensemble de la société ? ", nous présentons quelques parcours de lecture des candidats à ce concours, en considérant, comme point de départ, le concept de paraphrase et de polysémie, théorisé par Eni Orlandi. À travers notre regard (également affecté par la subjectivité), nous décrivons la manière dont le candidat au examen d'entrée à l'université, connu au Brésil comme "vestibular", se positionne par rapport à la proposition thématique abordée dans cette épreuve d'écriture. Comme le montre l'analyse, il y a une dispersion des lectures, qui peut être discutée à travers les régularités qui constituent les textes. Nous voyons que, en s'inscrivant, le sujet est affecté par l'illusion de communiquer avec un sens unique, mais il est constitué, inévitablement, par la contradiction, par l'équivoque, comme le prévoit la théorie discursive. Nous comprenons que l'équivoque ne signifie pas qu'un événement doit être observé de manière négative ou même taxative, comme le font les théories alliées aux valeurs normatives-prescriptives. Au contraire, ces équivoques sont constitutives - du langage et du sujet - tous deux traversés par l'idéologie. Ainsi, nous cherchons à démontrer qu'il n'y a pas de garanties d'univocité et de stabilisation du discours, ce qui peut être observé par certains points de glissement, à travers lesquels ce candidat laisse des traces de leur constitution historique et idéologique, démontrant ainsi la pluralité des gestes de lecture. À travers ces gestes pluriels, nous cherchons à décrire et à démontrer les différents effets de sens de la production discursive des candidats pré-universitaires.

MOTS-CLÉS: Analyse du Discours. Sujet. Pré-universitaire. Production textuelle. Lecture. Formation idéologique. Formation discursive.

ABSTRACT

In this work, inscribed in the theoretical-methodological line of the French discourse analysis (hereafter AD), especially the reflections of Michel Pêcheux, we propose to analyze the discourses that emerge in the writing tests for the entrance to the vestibular of UNESP (University of São Paulo's state). Taking as discursive materiality the texts produced in this context, we seek to investigate and describe some gestures of reading and interpretation of the vestibular student during his process of textual-discursive production in order to understand his ideological and discursive formations. By analyzing texts that achieved top marks in the UNESP vestibular for entry into the 2017 university year, whose theme was "Does the wealth of a few benefit the whole society?", we will present some reading paths of candidates for this exam, especially considering, as a starting point, the concept of paraphrase and polysemy, theorized by Eni Orlandi. Through our look (also affected by subjectivity), we will describe how the vestibular student inscribes his or her position regarding the thematic proposal addressed in this writing test. As the analysis will show, there is a dispersion of readings, which can be perceived through regularities that materialize during the development of the texts. Thus, we see that, when inscribing, the subject is affected by the illusion of communicating with a single meaning, but is inevitably constituted by contradiction, by equivocation, as already predicted by the discursive theory. We understand that equivocation does not mean an event to be observed in a negative or even taxative way, as theories allied to normative-prescriptive values do. On the contrary: these equivocations are constitutive - of the language and the subject - both crossed by ideology. Thus, we seek to demonstrate that there are no guarantees of univocity and stabilization of the discourse, which can be observed by some points of sliding, through which this vestibular student leaves traces of its historical and ideological constitution, thus demonstrating the plurality of reading gestures. Through these plural gestures, we seek to describe and demonstrate the different effects of meaning of the discursive production of the vestibular students.

KEY-WORDS: Discourse Analysis. Subject. Vestibular student. Textual production. Reading. Ideological formation. Discursive formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Formações Imaginárias (PÊCHEUX, 1975 [1997, p. 83])	63
Figura 1 – Prova de redação aplicada em dezembro de 2016 pela Fundação Vunesp para seleção de candidatos para entrada no ano universitário de 2017 na Unesp	112
Figura 2 – Critérios de Avaliação da redação disponibilizados pela Fundação Vunesp no Manual do Candidato	129
Figura 3 – Prova dissertativa aplicada como simulado para o Baccalauréat	142
Figura 4 – Parte do parágrafo de introdução do texto dissertativo produzido por um aluno francês em simulado para o Baccalauréat	143
Figura 5 – Produção textual do V1	148
Figura 6 – Produção textual do V2	154
Figura 7 – Produção textual do V3	158
Figura 8 – Produção textual do V4	162
Figura 9 – Produção textual do V5	165
Figura 10 - Página com resultados da pesquisa de “esquerdista” no buscador Google	172
Figura 11 – Resumo das posições-sujeito inscritas na FD esquerdista	175
Figura 12 - Página com resultados da pesquisa de “direitista” no buscador Google	176
Figura 13 – Resumo das posições-sujeito inscritas na FD direita	177
Figura 14 – Resumo das posições-sujeito inscritas na FD capitalista-moderada	179

LISTA DE ABREVIATURAS

PT: Partido dos Trabalhadores

AD: Análise do Discurso

SD: Sequência discursiva

FD: Formação discursiva

FI: Formação ideológica

CP: Condições de produção

BAC: Baccalauréat

NOTA

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1- O LUGAR TEÓRICO-METODOLÓGICO DA ANÁLISE PECHEUXTIANA	28
1.1 A Análise pecheuxtiana: um dispositivo analítico para leitura e interpretação	28
1.2 O linguístico e o discursivo: distanciamentos e aproximações	34
1.3 A(s) ideologia(s): a (im)possibilidade de um sujeito unívoco	42
1.4 A noção de FD e sua relativa heterogeneidade	51
CAPÍTULO 2 – DISCURSOS DO VESTIBULANDO DA UNESP E DISCURSOS SOBRE LEITURA	60
2.1 As condições de produção do discurso	60
2.2 Da Instituição UNESP: as suas origens	67
2.2.1 Da instituição UNESP: a redação no vestibular	70
2.2.2 Da instituição UNESP: a correção da redação no vestibular	85
2.3 Leitura(s): constituição socio-histórica e ideológica do vestibulando	88
2.4 Discursos sobre leitura: algumas reflexões e perspectivas de análise	89
2.5 Discursos sobre leitura no contexto da Educação Básica: algumas considerações	100
CAPÍTULO 3 – MODOS DE DISCURSIVIZAR A LEITURA	104
3.1 Algumas pesquisas sobre redação no vestibular	104
3.2 Gestos de leitura do vestibulando: <i>corpus</i> e materialidades	110
3.3 As Formações Discursivas: do teórico-metodológico à interpretação	116
CAPÍTULO 4 – O JOGO POLISSÊMICO: GESTOS DE LEITURA DO SUJEITO-VESTIBULANDO	123
4.1 O funcionamento do discurso do vestibulando	123
4.2 Gestos de leitura do vestibulando: dos efeitos polissêmicos	125
4.2.1 Dos gestos de leitura de vestibulandos franceses	139
4.2.2 Da polissemia dos discursos: o(s) sempre outro(s) sentido(s) possível(is)	144
4.3 Parecer e saber se posicionar como um candidato crítico	146
4.3.1 Análise da produção textual V1	148
4.3.2 Análise da produção textual V2	154
4.3.3 Análise da produção textual V3	158
4.3.4 Análise da produção textual V4	162
4.3.5 Análise da produção textual V5	165
4.4 FDs constitutivas do discurso do vestibulando crítico	170
4.4.1 FD esquerdista: o efeito inclusão	171
4.4.2 FD direitista: o efeito ordem e progresso	176
4.4.3 FD capitalista-moderada: o efeito negociação	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	184

INTRODUÇÃO

Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não logicamente-estável não seja considerado a *priori* como um defeito, um simples furo no real

(PÊCHEUX, M., 2012, p. 43)

Nesta tese, nosso objetivo geral é pensar a pluralidade que constitui os discursos dos sujeitos vestibulandos. Não diferente, muitos são os autores e pesquisadores que discutem e elaboram questionamentos acerca das pluralidades e das diferenças em variados contextos. Não parece uma temática nada recente e tampouco nova como constituinte das questões que nos atravessam enquanto sujeitos, desde outrora. Inúmeros episódios mundiais catastróficos (conflitos, guerras, disputas) mostram como os sujeitos apresentam dificuldade para lidar com a diferença e com a pluralidade. E tal premissa revela-se presente em diferentes condições de produção e de reprodução, nos termos de Althusser (1970): de condições de produção dos discursos econômicos, sociais, políticos, religiosos, educacionais, entre outras. Do nosso lugar de observação, estamos procurando formular perguntas e reflexões a respeito de questões relacionadas à leitura, à escrita e ao discurso do sujeito-vestibulando no Brasil contemporâneo.

Não diferente do contexto mundial, no cenário atual brasileiro, em se tratando da questão das pluralidades, há muitos acontecimentos que nos chamam atenção, principalmente as discussões que envolvem a área do ensino, em diferentes etapas (seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior). Tendo isso em vista, em específico, os questionamentos que surgem e dividem a opinião pública no que diz respeito à educação “neutra” provocam, a partir do lugar de pesquisadora e de professora, o desejo de desenvolver reflexões sobre o discurso do sujeito-vestibulando de uma universidade pública.

Considerando esse cenário, nosso interesse de pesquisa se volta para os discursos no campo da Educação, como forma de compreendermos os discursos que atravessam uma formação plural, crítica e humanitária, preconizados na Educação Básica, ao longo da formação dos sujeitos no que diz respeito às (suas) percepções das diferentes realidades. Acerca disso, as disciplinas do currículo (nas diferentes etapas escolares) abordam questões sob diferentes pontos de vista: essas abordagens pedagógicas são feitas com base legal nos princípios que norteiam a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento normativo que define:

o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e de desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p.7)

Entre as competências gerais da Educação Básica, a que se destaca, em primeiro plano, é a prerrogativa de: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 9). Corroborando essa abordagem prática no campo da Educação, a fim de construir uma sociedade justa, democrática e inclusiva, não raro, as reflexões a respeito de diferentes temáticas sobre o que acontece no processo educacional podem fazer emergir diferentes pontos de identificação, de desidentificação e de contraidentificação (PÊCHEUX, 1975 [1997])¹. Afinal, vivemos em um mundo plural, com muitas singularidades e diferenças. Assim, do nosso ponto de vista, tanto as adesões a, quanto os conflitos com determinados discursos revelam-se fatores recorrentes, que constituem os sujeitos, apresentando relação com as formações ideológicas.

Dessa feita, compreendemos que o modo como somos atravessados pelas ideologias e como somos ensinados a ler o mundo constitui a atuação e a percepção da existência do outro, do diferente, que nos constitui e nos atravessa por via de regra e de existência. Do ponto de vista discursivo, é a posição-sujeito que vai determinar o(s) sentido(s)². Como lembra Pêcheux (2012), “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2012, p. 53). E é a partir dessa premissa que se norteia nosso trabalho: olhar para os possíveis e diferentes gestos de leitura³ produzidos pelo vestibulando. Temos por objetivo observar e descrever as diferentes possibilidades de leitura e de sentido que podem emergir a partir de uma dada condição de produção. Ainda segundo Pêcheux:

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe “em si mesmo”, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em

¹ Em algumas referências bibliográficas, tal como essa de Pêcheux (1975 [1997]), utilizo duas datas: a primeira corresponde à data de publicação original; a segunda, à edição consultada e/ou traduzida.

² Destaco, ainda, que os parênteses são usados ao longo do texto seja para indicar também a presença do plural no significante usado, seja para sinalizar um ponto de vista que contempla imbricamentos (por exemplo, (im)possibilidade, (des)identificação, entre outros que vão aparecer nos próximos capítulos)

³ Com relação ao conceito “gestos de leitura”, que estamos usando neste trabalho, vale destacar que se trata de um conceito da AD pecheuxtiana, reformulado no Brasil por Eni Orlandi. A autora inclusive tem um livro com esse título “Gestos de leitura: da história no discurso”, o qual reúne textos decisivos para a constituição e o desenvolvimento da análise do discurso no Brasil, um novo saber no campo da reflexão sobre a linguagem e o político.

jogo no processo socio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÉCHEUX, 1975/1988 [1995, p. 160] – grifos nossos)

Destacamos que, para realização do nosso trabalho de análise e de compreensão da produção dos discursos no contexto da Educação Básica, tivemos a oportunidade de não nos limitarmos apenas ao contexto brasileiro. Realizamos, junto à Université de Lille, no cerne do laboratório CIREL (Centro Interuniversitário de Pesquisa em Educação de Lille – equipe Théodile), em Lille, na França, sob a orientação do Prof. Dr. Bertrand Daunay, de março de 2021 a fevereiro de 2022, um período de pesquisa de doutorado-sanduíche⁴. No âmbito do convênio CAPES-PrInt/Unesp, a proposta se insere na temática de número 1, “Sociedades Plurais”, relacionando-se ao projeto *Letramentos em diferentes grandes áreas do conhecimento*,⁵ especificamente voltado para os estudos linguístico-discursivos em sua interface com a área da Educação na Educação Básica, com destaque para o campo da produção de textos.

Essa experiência de internacionalização contribuiu para nossa pesquisa porque tivemos a oportunidade de observar outro contexto, além do brasileiro. Sob esse viés, considerando os diferentes atravessamentos possíveis, “a nacionalização da pesquisa e sua internacionalização atravessam e ultrapassam a geográfica local, pois constituem as duas faces de qualquer fazer acadêmico-científico” (KOMESU, 2019). Desse modo, tal contato com a equipe do laboratório da Universidade de Lille contribuiu para a ampliação das perspectivas de análise das condições de produção, viabilizando o contato com outras teorias e reflexões no âmbito da Educação, fazendo com que conhecêssemos, assim, outros pesquisadores que discutem e analisam questões relacionadas à leitura de outras perspectivas teóricas. Pudemos, a partir desses pontos de contato, construir uma reflexão no âmbito dos percursos de leitura, ao longo do capítulo 2.

Para além desse contato com diferentes perspectivas teóricas, tivemos a possibilidade de observar materialidades produzidas no contexto francófono. Tivemos acesso a produções textuais produzidas por alunos franceses da mesma etapa de ensino dos alunos brasileiros. Na França, os estudantes em ciclo final do Ensino Médio preparam-se para fazer um exame conhecido como “Baccalauréat”⁶, que lhes permite seguir uma carreira técnica ou até mesmo

⁴ Realizamos o doutorado-sanduíche no âmbito do projeto Capes-PrInt entre março de 2021 e fevereiro de 2022. Nossa pesquisa de doutorado foi realizada em acordo de cotutela, assinado e formalizado em junho de 2022, entre a Université de Lille e a Unesp.

⁵ Coordenado pela Profa. Dra. Fabiana Komesu, reúne pesquisadores da Bélgica, do Brasil, dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e de Portugal.

⁶ Na França, o equivalente ao que, no Brasil, conhecemos como vestibular é conhecido como Baccalauréat. Neste

seguir com seus estudos no Ensino Superior. A partir desse material, pudemos fazer, neste trabalho, uma breve contextualização dos modos de funcionamento das avaliações sobre leitura no contexto francófono. No contexto brasileiro, como propomos analisar neste trabalho, tal exame é conhecido como “vestibular”, o que lhes permite ingressar em uma Universidade (seja ela pública ou privada). Em síntese, esse contato franco-brasileiro contribuiu sobremaneira para ampliar nosso olhar, dado ao fato de termos ultrapassado as fronteiras, muitas vezes opacas.

Nessa perspectiva, nossa pesquisa de doutorado visa a uma análise discursiva dos textos produzidos por vestibulandos (alunos em fase de conclusão do Ensino Médio ou que já o tenham concluído), quando submetidos a um processo de avaliação e de seleção para ingresso ao Ensino Superior de uma universidade pública do estado de São Paulo, a UNESP, a fim de contribuir com os estudos linguístico-discursivos⁷. O interesse pelo desenvolvimento da pesquisa surgiu a partir da minha experiência empírica como professora de redação em colégios de Ensino Médio e em cursos preparatórios para vestibulares. Nesse processo, muitas são as questões envolvidas no exercício de, com base nas competências propostas pela BNCC, ensinar e de mobilizar conhecimentos na recepção e na produção de discursos nos campos de atuação social, com uso de mídias, ampliando o entendimento e as possibilidades de interpretação crítica da realidade.

Nessa esteira de reflexão, a pesquisa visa a contribuir, por meio da análise das produções textuais dos vestibulandos, com o processo reflexivo sobre os “desafios envolvidos no que diz respeito à promoção e ao aprimoramento de uma educação de qualidade (em seus diversos níveis)”, considerando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Buscamos compreender os discursos produzidos nesse cenário educacional, na produção discursiva do estudante que está em fase de transição da Educação Básica para o Ensino Superior de uma universidade pública brasileira, porque esse acesso se apresenta como uma possibilidade de “garantir mobilidade social ascendente entre a população” (SALVATO; FERREIRA, DUARTE, 2010; VARÓN, 2017; AGÊNCIA IBGE, 2018, *apud* KOMESU, 2019, p.1).

A respeito dessa mobilidade no contexto da Educação Superior brasileira, vale destacar a criação da política de cotas raciais para reserva de vagas para grupos historicamente marginalizados, negros, pardos, indígenas, em concursos e vestibulares públicos ou privados.

trabalho, vamos também nos referir a esta prova como Bac, tal como é também conhecido no contexto francófono.
⁷ Destaco que a participação nos encontros do grupo de orientandos da Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli e todas as outras atividades desenvolvidas ao longo do curso de doutorado contribuíram para o aprofundamento de minhas leituras na Análise do Discurso pecheuxiana (disciplinas, congressos, seminários, conferências, entre outros).

O *Boletim sobre Cotas Raciais*⁸, elaborado pela Comissão de Direitos Humanos da UNESP, procura sintetizar o histórico e o contexto de criação das cotas na Instituição. Segundo esse documento, as cotas, que fazem parte das “Ações Afirmativas”, procuram diminuir as desigualdades raciais que se desenvolveram ao longo dos anos no país, fruto de uma herança escravocrata. Tal como podemos encontrar neste documento:

No Brasil, a primeira universidade estadual a aderir às cotas raciais foi a UERJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2003. Em 2004 a UNB, Universidade Federal de Brasília, foi a primeira federal a aderir às cotas raciais, reservando 20% das vagas para o estudantes negros e pardos. No dia 26 de Abril de 2012, o Supremo Tribunal Federal sancionou a adoção de políticas de reserva de vagas para garantir o acesso de negros, pardos e indígenas a instituições de ensino superior, alegando a legitimidade destas políticas perante a Constituição e ressaltando a necessidade de reparação histórica da discriminação racial no Brasil gerada pela escravidão. (BOLETIM SOBRE COTAS RACIAIS, 2017, p. 3)

Então, considerando as condições de produção e o posicionamento das universidades brasileiras (sobretudo as públicas) no que diz respeito à política de cotas, consideramos a heterogeneidade que constitui os discursos produzidos no cenário de acesso ao Ensino Superior de uma universidade pública no Brasil.

Em contrapartida, a partir de 2016,⁹ observa-se o crescimento, no Brasil, de discussões acerca da educação neutra. Um dos motivos para esse crescimento pode estar ligado à presença dos constantes pronunciamentos de grupos políticos ligados à extrema-direita, defendendo a necessidade da ausência de posicionamento no ambiente escolar. Essa questão ficou ainda mais evidente com a ascensão do ex-presidente Jair Bolsonaro (Partido Liberal, PL) ao poder executivo no ano de 2019. Ele deixou marcado, em seu discurso, por diversas ocasiões, sua posição contrária no que diz respeito ao ensino de forma plural. Por exemplo, algumas notícias veiculadas em jornais do país registraram esses discursos feitos por ele. Em um desses discursos, durante campanha presidencial no ano de 2018, ele disse querer “expurgar Paulo Freire das escolas brasileiras”¹⁰ porque os “ensinamentos marxistas atrapalham o desenvolvimento dos alunos”¹¹. Para ele, a escola não é espaço para discussões de cunho político-ideológico. A esse respeito, vale destacar que essas ideias tiveram sua gênese no início dos anos 2000, por meio da criação de uma proposta de lei intitulada *Movimento Escola sem*

⁸ O documento intitulado *Boletim sobre Cotas Raciais* foi elaborado pela Comissão de Direitos Humanos da UNESP. Disponível em: [Boletim sobre Cotas Raciais \(unesp.br\)](https://www.unesp.br/boletim-sobre-cotas-raciais) – Acesso em: 20 de maio de 2023, às 12h31min

⁹ Ano em que a ex-presidenta Dilma Rousseff sofreu um golpe de Estado, ao ser afastada de suas funções, tendo seu vice-presidente à época, Michel Temer, assumido as funções de chefe de Estado.

¹⁰ Notícia de jornal disponível em: [Na mira de Bolsonaro, obra de Paulo Freire é pilar de escolas de elite - 06/01/2019 - Educação - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/folha/educacao/2019/06/01/na-mira-de-bolsonaro-obra-de-paulo-freire-e-pilar-de-escolas-de-elite-06/01/2019-educacao-folha.uol.com.br) – Acesso em: 21 de abril de 2023, às 13h08min

¹¹ Notícia de jornal disponível em: [Na mira de Bolsonaro, Paulo Freire não está no currículo, mas é referência em escolas - 25/10/2018 - Educação - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/folha/educacao/2018/10/25/na-mira-de-bolsonaro-paulo-freire-nao-esta-no-curriculo-mas-e-referencia-em-escolas-25/10/2018-educacao-folha.uol.com.br) – Acesso em: 21 de abril de 2023, às 13h

Partido,¹² sob liderança do advogado e procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib. Nagib (2019) sustenta que essa proposta consiste em:

dar visibilidade a um problema gravíssimo que atinge a imensa maioria das escolas e universidades brasileiras: a instrumentalização do ensino para fins ideológicos, políticos e partidários (NAGIB, 2019)¹³

Segundo os defensores de tal proposta, é preciso garantir aos alunos uma educação neutra e livre de ideologias. Para isso, desde o início, o projeto tem por objetivo “inibir a prática da doutrinação política e ideológica em sala de aula e a usurpação do direito dos pais dos alunos sobre a educação moral dos seus filhos”. Porém, ao mesmo tempo em que o ex-presidente defendeu uma educação neutra, isenta de ideologias, ele disse “querer resgatar educação moral e cívica no currículo das escolas, tendo o objetivo de incutir nos alunos o culto à pátria e à ética”¹⁴.

Nesse contexto, entre os anos de 2016 e 2020, com o avanço dos grupos de extrema-direita ao poder no Brasil, como dito, observamos, com base no relatório *Tenho medo, esse era o objetivo deles: esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil* realizado pela *Human Rights Watch* (2022), o crescimento desses debates político e social no contexto brasileiro. Segundo a *Human Rights Watch*, a pesquisa que deu origem a esse relatório foi realizada entre janeiro de 2020 e outubro de 2021, tendo analisado 217 projetos de lei, leis e políticas federais, estaduais e municipais. Além dessas análises, a organização também entrevistou 32 professores em diferentes estados do país para mostrar a “existência de uma campanha (por vezes coordenada, por vezes difusa) para desacreditar e banir a educação sobre gênero e sexualidade” (HUMAN RIGHTS WATCH, 2022, p. 2)

Tomando como ponto de partida esse contexto socio-político, o modo como o discurso da chamada “neutralidade” passa a circular de modo presente entre os sujeitos, nos diferentes espaços escolares e familiares, provoca nossa reflexão. Por esses discursos da suposta neutralidade, nada mais vemos do que um sujeito que acredita ser possível estabilizar a ordem discursiva, como se a língua não estivesse atravessada pela ideologia, não importa qual seja ela. Com relação aos discursos sobre educação sexual, pauta conhecida como “ideologia de gênero”, objeto da crítica do *Movimento Escola sem Partido*, Biroli (2020) destaca que essa noção tem sido politizada desde meados da década de 1990 e que a expressão “ideologia de

¹² Disponível em: [Quem somos - Escola Sem Partido](#) – Acesso em 20 de abril de 2023, às 10h18min

¹³ Essa informação está disponibilizada no site do *Movimento Escola sem Partido*, no item *Objetivos*. Disponível em: [Quem somos - Escola Sem Partido](#) – Acesso em 20 de abril de 2023, às 10h20min

¹⁴ Disponível em: [Bolsonaro quer resgatar educação moral e cívica no currículo das escolas - 25/09/2018 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#) – Acesso em: 21 de abril de 2023, às 13h31min

gênero” apareceria pela primeira vez num documento católico em 1998 (FAÚNDES, 2019 *apud* BIROLI, 2020, p. 23). Dito de outro modo, essas organizações políticas conservadoras parecem buscar, por meio de um argumento como a defesa da educação neutra e isenta de ideologia, sustentar e ampliar o alcance de sua(s) ideologia(s) contrária a pautas que envolvam educação sexual e política de modo crítico. De acordo com Biroli (2020), tal pauta ideológica ligada “à preservação da família pode legitimar retrocessos dos direitos individuais, a censura e a violência contra as minorias” (BIROLI, 2020, p. 25).¹⁵

Ainda a respeito dessa questão, Teixeira e Biroli (2022) mostram o modo como a noção de “ideologia de gênero”¹⁶ é usada com o objetivo de restringir direitos ou barras políticas públicas. Segundo os autores,

Campanhas políticas, debates e proposições parlamentares e protestos de rua contrários a pautas igualitárias de gênero e de diversidade sexual passaram a mobilizar a “ideologia de gênero” como uma espécie de “cola simbólica” (KOVÁTS; PÖIM, 2015), um recurso para ativar “pânicos morais” (MISKOLCI, 2021) e uma estratégia política para fortalecer lideranças conservadoras, em um contexto de ascensão da direita e reação à chamada “onda rosa” (BIROLI, 2020). (TEIXEIRA; BIROLI, 2022, p. 2-3)

Por outro lado, no mesmo momento em que circulavam fortemente esses discursos a respeito de uma educação supostamente neutra, fortemente propagados pelo grupo conservador *Movimento Escola sem Partido*, também houve expressiva circulação de discursos progressistas. No ano de 2016, aconteceram as ocupações das escolas públicas em São Paulo. De acordo com informações divulgadas pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), mais de mil escolas e outros espaços foram ocupados por estudantes em todo o país. Ao todo, segundo a entidade, foram 995 escolas e institutos federais, 73 campi universitários, três núcleos regionais de Educação, além da Câmara Municipal de Guarulhos, o que totalizou 1.072 locais (TOKARNIA, 2016)¹⁷. Conforme demonstra Tokarnia (2016), tal movimento lutou contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/2016, que limita os gastos do governo federal pelos próximos vinte (20) anos. Segundo estudos, esses gastos podem fazer com que a medida reduza os repasses para a área de educação. Se limitados por um teto geral,

¹⁵ Destacamos que a expressão “ideologia de gênero” foi também usada por conservadores na França, nomeadamente a propósito de um folheto distribuído nas escolas pela ministra da educação Najat Vallaud-Belkacem.

¹⁶ Conforme demonstram Teixeira e Biroli (2022, p. 2), a expressão “ideologia de gênero” teve sua primeira aparição em um documento oficial da Igreja Católica, intitulado “La ideología de género, sus peligros y alcances” (1998), assinado pelo Mons. Oscar Alzamora Revoredo, à época bispo auxiliar de Lima, em um informe da Comissão da Mulher da Conferência Episcopal Peruana.

¹⁷ Disponível em: [Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](https://www.agencia.com.br/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento) – Acesso em: 09 de junho de 2023, às 17h21min

resultam na necessidade de retirada de recursos de outras áreas para investimento no ensino. Além de protestar contra essa PEC, esse movimento de ocupação das escolas teve como objetivo protestar contra a Reforma do Ensino Médio, proposta pela Medida Provisória (MP) 746/2016, enviada ao Congresso. Na visão dos estudantes, tal proposta acelera, por parte do governo, a reformulação da etapa de ensino que concentra mais reprovações e abandono de estudantes.

Dessa maneira, considerando essas duas forças discursivas opostas presentes neste contexto socio-histórico-político, além também do fato de estar nele inscrita como sujeito, atuando na posição de professora de redação no Ensino Médio durante este período, não raro, começamos a observar os questionamentos a respeito da neutralidade nas aulas de leitura e de produção de textos. Esses passaram a ser cada vez mais presentes no cotidiano de atuação do professor na relação com os alunos (da Educação Básica ou do Ensino Superior). Dentre as várias facetas que fazem parte da vida, do cotidiano e do universo escolar (alunos, familiares, professores, especialistas em didática e em educação), podemos observar o foco que ganha a discussão sobre leitura e escrita em todos os níveis de formação escolar. Em um contexto em que se trata da importância dessas práticas como constituintes da formação do sujeito leitor, consideramos importante e necessário trazer essa temática em uma esteira de reflexão, visando a observar e a analisar o modo como essas práticas de leitura e de escrita¹⁸ são mobilizadas no contexto da educação, principalmente no ciclo final da Educação Básica.

Reflexões acerca do modo como as práticas de leitura têm sido discursivizadas em diferentes contextos, com destaque para o contexto da Educação Básica, são importantes para compreender os modos de constituição do sujeito-leitor na contemporaneidade e no contexto de aplicação dos vestibulares como forma de seleção de alunos que ingressam nas universidades. Além disso, elas também podem ser consideradas cruciais para a discussão sobre a questão do letramento na formação do estudante de Ensino Médio, que, após conclusão dessa etapa, estará apto a prosseguir com seus estudos no Ensino Superior. E, quando pensamos a respeito dessas práticas de leitura e de escrita, sabemos que existem interesses advindos de diversos lugares de observação: desde pesquisas na área de didática e educação, que buscam compreendê-las a partir de diferentes concepções teóricas, até mesmo interesses midiáticos e governamentais, com a criação de *rankings* nacionais e internacionais como forma de “medir”

¹⁸ No que diz respeito ao uso da expressão “práticas de leitura e de escrita”, neste trabalho, gostaríamos de destacar que não estamos usando como conceito similar ou sinônimo de “gestos de leitura” de Eni Orlandi, tal como sinalizado no início deste trabalho. Estamos usando para nos referir às práticas de ensino de leitura e de produção de texto por meio das quais os sujeitos elaboram seus gestos de leitura.

e de “classificar” as competências leitoras dos estudantes. Do nosso lugar de observação, nosso interesse é compreender os percursos de leitura do sujeito-vestibulando, bem como em quais formações discursivas (FDs) eles se inscrevem para dizer o que procuram dizer inscritos em determinada condição de produção. Não temos o interesse, nesta pesquisa, de fazer qualquer tipo de classificação rankeada de competências leitoras dos candidatos, mas sim desejamos olhar para as formações ideológicas que lhes atravessam.

Cabe destacar, inicialmente, nosso interesse em olhar para produções textuais dos alunos em fase final do ciclo de Educação Básica, em momento de transição para o Ensino Superior, como forma de promover uma reflexão a respeito dessas práticas de leitura e de escrita. Considerando as atuais condições de produção, especialmente em um momento em que cresce exponencialmente a adesão às práticas de leitura no contexto socioeducacional pelas tecnologias digitais, Galli (2015, p. 202) aponta que “os discursos sobre a leitura circulam como possibilidade de ter acesso a informações e conhecimentos sob o efeito – é preciso lembrar – de transparência da linguagem, de objetividade dos sentidos e de neutralidade do sujeito-leitor”.

Tal como a autora em sua análise a respeito das práticas de leitura no contexto do ensino superior, com professores formados, acreditamos que trabalhar com a investigação acerca da temática da leitura no contexto da Educação Básica é de relevância para professores como um todo, tendo em vista que as práticas no ensino de leitura e de produção de texto nesse contexto ainda privilegiam visões dicotômicas. Por exemplo, são visões que sustentam a leitura como ato de decodificar, ou seja, o leitor é apenas mero receptor dos sentidos construídos pelo autor do texto; tais visões podem ser percebidas em grande circulação em diferentes contextos sociais, nos contextos de ensino. Então, tomando como pressuposto essas condições de produção, podemos perceber, de certa forma, o que se espera socialmente de um sujeito que tenha concluído a etapa do Ensino Médio, em especial o sujeito-vestibulando. Do nosso ponto de vista, a partir dessas visões predominantes no contexto de ensino de leitura e de produção textuais, entendemos que é esperado que esse sujeito possa, de fato, controlar os sentidos, garantindo, assim, as leituras “desejadas”.

Nessa direção, entendemos que as práticas de leitura no atual contexto socio-histórico-educacional parecem apontar para uma tentativa de fazer com o que o sujeito-leitor possa ter esse “controle”, que ele seja capaz de ler e de escrever “de forma adequada e desejada”, sobretudo em contextos nos quais ele passa a ser avaliado. Um exemplo e parâmetro adotado atualmente pelas instituições de Educação Básica no Brasil (especialmente colégios privados) para medir a competência leitora de seus estudantes tem sido a aprovação desses alunos nos vestibulares. Seguindo essa premissa, no modo de funcionamento dessas instituições, o sujeito

leitor com boa capacidade de leitura e de escrita é aquele que, no imaginário social, consegue atingir boas notas em exames vestibulares, com destaque atual para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares de universidades públicas. Além desse contexto de exames em processos seletivos, cabe destacar, também, os exames em processos avaliativos, por exemplo, a presença de *ranking*¹⁹ como forma de medir a competência leitora dos estudantes.

A respeito das questões relacionadas a contextos de avaliação, vale destacar, por exemplo, a crítica que fazem Daunay e Bart (2018) ao PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), “avaliação comparada que é aplicada a estudantes na faixa etária dos 15 anos, idade quando acontece o término da escolaridade básica na maioria dos países que participam da avaliação” (OLIVEIRA, 2019, p. 201). Em *Pode-se levar a sério o PISA?*, os autores procuram “questionar de forma crítica e até mesmo polêmica o tratamento que uma avaliação internacional de prestígio, como o PISA, reserva ao texto literário e à literatura”, conforme destaca Bart (OLIVEIRA, 2019, p. 203). As pesquisas feitas por eles mostram as inconsistências e as incongruências de uma avaliação no âmbito internacional. Conforme retratam Daunay e Bart, em entrevista a Oliveira (2019), há, nesse exame, “uma ampla definição de compreensão”, mas, na prática, o funcionamento do PISA, por meio de seus testes, “parecem atuar na direção de uma naturalização da leitura” (OLIVEIRA, 2019, p. 204).

Posto que a presença desses *rankings*, das provas de avaliação e de seleção (por exemplo, o ENEM, os vestibulares em geral) sejam práticas presentes no cenário educacional contemporâneo (a emergência das condições de produção do discurso do vestibulando), entendemos que muitas das práticas de leitura e de escrita no ambiente escolar sejam orientadas com o objetivo precípua de fazer com que os alunos realizem essas provas e alcancem sucesso nelas. De tal modo, dado à relevância que a disciplina de redação tem apresentado nos exames vestibulares e concursos, observamos, no cenário social, uma maior procura por cursos preparatórios de redação. Isso se deve ao fato de a prova de produção textual equivaler a uma grande parte da nota do processo seletivo. No caso da UNESP, por exemplo, a prova total vale 100 pontos, enquanto a prova de redação equivale a 28 pontos da totalidade²⁰. Em geral, essas práticas socioeducacionais visam a garantir que esse sujeito consiga sucesso em suas atividades

¹⁹ Um *ranking* muito conhecido que busca medir e classificar a competência leitora de estudantes pelo mundo todo é o PISA (Programa Internacional para avaliação de alunos), uma rede de avaliação de desempenho escolar, realizado pela primeira vez em 2000 e repetido a cada dois anos. É coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com vista a melhorar as políticas e resultados educacionais

²⁰ Essa informação a respeito da pontuação no processo seletivo do vestibular da UNESP pode ser acessada no Manual do Candidato; também vamos explicar melhor o funcionamento dela no capítulo 2, ao discorrermos sobre o funcionamento dos critérios de correção adotados pelo vestibular.

de leitura e de escrita, quando se trata de contextos nos quais ele é avaliado para exames seletivos. Adotamos o uso da palavra “sucesso” como forma de fazer referência ao seu modo de circulação contemporâneo nessa dada condição de produção: o de alcançar uma boa nota e classificação do ponto de vista de seleção. Dessa feita, entendemos que grande parte dos currículos escolares é orientada pelas exigências e pela expectativa que se tem por parte das instituições que avaliam e/ou selecionam candidatos em exames vestibulares. Lembrando que, diante de um sistema de ensino desigual, a prática da seleção de candidatos por meio de um exame pode (se) revelar uma lógica de reprodução das elites.

No que diz respeito a tal lógica de reprodução, pode-se destacar a reflexão que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1985) faz quando discorre acerca da reprodução social a partir da reprodução cultural. Para ele, há uma noção nomeada como capital cultural, a qual está diretamente relacionada às experiências culturais que um sujeito pode ter e herdar durante sua vida. A esse respeito, Nogueira (2017) aponta:

as crianças originárias das classes sociais superiores herdam de suas famílias um patrimônio cultural diversificado composto de estruturas mentais (maneiras de pensar o mundo), domínio da língua culta, cultura geral, posturas corporais, disposições estéticas, bens culturais variados (livros e outros materiais de cultura), os quais se transformam em vantagens, uma vez investidos no mercado escolar. (NOGUEIRA, 2017, p. 103)

Considerando o modelo escolar atual, o qual trabalha com o método de seleção e de classificação de candidatos segundo suas habilidades, percebemos como o capital cultural, e não somente o capital econômico, é fator decisivo no sucesso ou não desses candidatos, especialmente quando tratamos de acessibilidade ao Ensino Superior. De acordo com Nogueira (2017), há muito mais “reprodução” de parcela da sociedade do que “democratização” do acesso a toda a sociedade. Não raro, vemos a alta taxa de desigualdade na disputa por uma vaga no Ensino Superior, especialmente público, o que pode ser um dos principais reflexos desse modelo de reprodução do *habitus*, nos termos de Bourdieu (1985), de determinada parcela social, que tem posses de bens não somente materiais mas também culturais.

Essa temática desperta e justifica nosso interesse em analisar e refletir a respeito dos percursos e dos gestos de leitura produzidos por esses sujeitos como forma de compreender a formação do vestibulando no contexto do ensino e da didática. Acerca desse interesse, Daunay (2007) argumenta que “a didatização da temática do sujeito leitor é evidentemente uma necessidade se desejamos pensar o ato de ensinar” (DAUNAY, 2007, p. 49). Considerando o pensar o ato do ensino (o ensino de língua, de leitura e de produção de texto), voltamos o olhar para esses percursos e gestos de leitura produzidos pelos estudantes como uma via de

compreender também como são realizadas as práticas de ensino de leitura e de escrita no contexto escolar.

Entendemos que avaliar, categorizar, classificar, ranquear e medir a competência leitora desses sujeitos torna-se um árduo desafio tanto para professores que estão em convívio direto com esses alunos bem como para instituições que visam a selecionar candidatos mais bem preparados para vestibular e até mesmo para órgãos responsáveis pela produção de *rankings* com objetivo de melhorias de políticas públicas como forma de intervir na melhoria da educação como um todo.

Com isso, consideramos que analisar o modo como as noções de leitura e de texto são abordadas nesse cenário revela-se uma tarefa importante para compreender os gestos de leitura do sujeito-vestibulando. Essa busca e reflexão vai além dos muros da escola; antes, revela-se crucial, especialmente nesta pesquisa, compreender o modo como essas noções aparecem nessas provas. Acreditamos que os modos como as provas (de avaliação, de seleção, de ranqueamento) encontram-se organizadas e aplicadas são um ponto de partida (não exclusivo, é claro) para orientar as práticas didáticas, que podem, ou não, seguir a lógica da reprodução de ideologias dominantes.

Desse modo, neste trabalho, buscamos retomar o percurso adotado no contexto escolar acerca das noções do ensino de língua, de leitura e de texto. Consideramos que descrever e sistematizar o modo como essas noções são abordadas socio-historicamente nas escolas pode ser um caminho para compreendermos as maneiras como os sujeito-leitores elaboram seus gestos de leitura no cotidiano, quando diante de avaliações formais, ferramentas utilizadas, majoritariamente, para fazer seleção de candidatos ao ingresso ao Ensino Superior, no nosso caso específico, como vamos abordar. Porém, esse tipo de avaliação também é usado em outros contextos, como seleção de candidatos ao mercado de trabalho (seja no âmbito dos concursos públicos, seja no setor privado).

A partir dessas premissas e do aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) pecheuxtiana, analisamos os discursos que emergem nas provas de redação para o ingresso no vestibular da UNESP (Universidade Estadual Paulista). Além disso, visamos a analisar e a descrever gestos de leitura e de interpretação do vestibulando durante seu processo de produção textual-discursivo. A partir desse contexto no qual os discursos desse sujeito são produzidos, existe uma expectativa tanto da banca examinadora quanto do candidato (via imaginário) acerca do que pode e deve ser dito por parte do vestibulando para que seja visto e reconhecido como um candidato apto a se tornar aluno de Ensino Superior. Sendo assim, partindo da tese de que o princípio da neutralidade é questionável e também da existência de

contradições (como previsto pela própria teoria), nossa hipótese é a de que vestibulando se inscreve em uma FD crítica, aliada à resistência ao discurso dominante do neoliberalismo, porém essa mesma FD crítica é atravessada por leituras plurais, de modo que os sujeitos são atravessados a filiações ideológicas diversas: desde formações com pautas aliadas a valores de igualdade, de justiça social até mesmo pautas em aliança com valores de exclusão, de desigualdade social. Para confirmar ou refutar essa hipótese, nossos objetivos específicos são:

- a) investigar quais posições-sujeito os vestibulandos ocupam nas produções textuais ao defenderem determinado(s) ponto(s) de vista;
- b) analisar as formações discursivas (FD) nas quais o vestibulando se inscreve, bem como as relações de conflito e de aliança entre essas FDs, e as formações ideológicas que atravessam essas FDs;
- c) investigar como o vestibulando remete ao uso de memórias históricas na produção dos discursos e como essas memórias se manifestam no processo discursivo.

Mais do que respostas, buscamos formular questões que possam nos permitir compreender um pouco melhor o(s) percurso(s) textual(is)-discursivo(s) realizado(s) por sujeitos vestibulandos em fase de iniciação de carreira universitária. Conseqüentemente, essas questões podem nos ajudar a compreender também o(s) percurso(s) realizado(s) por sujeitos-professores da Educação Básica, bem como o(s) possível(eis) percurso(s) adotado(s) pela banca avaliadora da UNESP, na medida em que “os instrumentos científicos não são feitos para dar respostas, mas para colocar questões” (PÊCHEUX, 1975 [1997, p. 36]). Ao olhar para os discursos produzidos pelo sujeito-vestibulando, tendo como ponto de partida as redações produzidas para o vestibular da UNESP, buscamos formular questões que provavelmente não seriam formuladas caso não estivéssemos recorrendo à teoria da AD pecheuxtiana.

Assim, uma vez feitos esses questionamentos, queremos refletir a respeito da pluralidade dos gestos de leitura, atravessados sempre pela contradição, pelo equívoco, pelo deslizamento e pelo deslocamento de sentidos, nem sempre evidentes, mas sempre presentes. Não pretendemos de forma alguma fazer “algum cálculo dos deslocamentos de filiação ou de condições de felicidade ou de infelicidade eventuais”, mas, sim, “detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (PÊCHEUX, 2012, p. 57).

No que diz respeito à organização, este trabalho está composto por quatro capítulos, a partir dos quais descrevemos o quadro teórico-metodológico, as condições de produção nas quais o *cópus* está inserido, as visões de práticas de leitura e de escrita e análises do material delimitado. No primeiro capítulo, apresentamos os principais pressupostos teóricos que norteiam este trabalho, que se inscreve na linha da Análise do Discurso francesa. Com esse quadro teórico que adotamos, no que se refere às reflexões de Michel Pêcheux sobre formação discursiva (FD) e formação ideológica (FI), encontramos um aparato metodológico para fazer análise do discurso.

No segundo capítulo, fizemos um percurso histórico para recuperar as condições de criação e de emergência das universidades e dos concursos vestibulares. Nesse cenário, baseamo-nos nos trabalhos de Castilho (2020) e também em informações disponibilizadas pelo *site* da UNESP a respeito do seu histórico de criação. A partir desses trabalhos, pudemos compreender as condições de produção amplas nas quais o sujeito-vestibulando está inscrito. Também descrevemos o modo de funcionamento da prova de redação no vestibular da UNESP, bem como seu percurso ao longo dos anos. Além disso, refletimos sobre diferentes perspectivas dos discursos sobre leitura.

No terceiro capítulo, discutimos os modos de discursivização da leitura no ambiente escolar. Para além dessa contextualização, apresentamos alguns trabalhos de pesquisa sobre redação no vestibular, bem como explicitamos o nosso percurso metodológico, demonstrando as etapas de como foi feita esta pesquisa.

No capítulo quatro, a partir das regularidades selecionadas para compor o *cópus* de análise deste trabalho, descrevemos alguns dos modos de funcionamento dos processos discursivos dos vestibulandos, a partir da caracterização das posições-sujeito, das formações ideológicas que lhes atravessam e das formações discursivas nas quais eles se inscrevem para dizer o que dizem do modo como dizem. É neste momento que, pela análise discursiva, procuramos validar nossa hipótese: a de que os gestos de leitura dos candidatos são polissêmicos, dado ao fato de que eles se inscrevem em diferentes FDs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria do maior interesse reconstruir a história deste sistema diferencial dos gestos de leitura... numa “leitura” interpretativa – que já é uma escritura
(PÊCHEUX 1975/1982 [1997, p.57])

Considerando nossos gestos de análise neste trabalho, a partir do ponto de vista discursivo no qual estamos inscritos, acreditamos que não há como deixar de estabelecer uma relação entre educação e capitalismo-neoliberal. Não tivemos o objetivo de explicar, do ponto de vista histórico-descritivo, todo o funcionamento do sistema neoliberal (desde a clássica teoria liberal de Adam Smith até as teorias contemporâneas acerca da temática) porque o objetivo do nosso trabalho inscreve-se na descrição e na interpretação sobre o modo como os ditos (e os não-ditos) aparecem e reaparecem nos discursos dos sujeitos-vestibulandos. Além disso, há outros trabalhos que assim já o fizeram do ponto de vista sociológico, entre os quais gostaríamos de destacar: Foucault na década de 1970, com o conceito de “racionalidade política” em *Nascimento da Biopolítica*, Althusser em *Aparelhos Ideológicos do Estado* (como já explorado no nosso primeiro capítulo) e, mais recentemente, temos a rica reflexão de Dardot e Laval (2016), intitulada *A nova razão do mundo*. Essas reflexões ajudam a compreender, de um ponto de vista crítico, o funcionamento do sistema de organização político e da sociedade neoliberais. A esse respeito, de acordo com Dardot e Laval:

Também devemos falar de *sociedade neoliberal*, e não apenas de política neoliberal ou economia neoliberal – embora seja inegavelmente uma sociedade capitalista, essa sociedade diz respeito a uma figura singular do capitalismo que exige ser analisada como tal em sua irredutível especificidade (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 23 – grifos nossos)

No contexto atual, de acordo com Dardot e Laval, podemos falar em sociedade neoliberal. Nesta pesquisa, procuramos descrever e explicar o modo de coerção desse discurso neoliberal nos processos discursivos dos candidatos a uma vaga no Ensino Superior de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo. Nesse sentido, acreditamos que tais percursos, realizados no âmbito da sociologia, muito contribuem para corroborar nossa perspectiva de reflexão e de questionamento sobre o que mostra o funcionamento dos processos discursivos dos candidatos ao vestibular da UNESP, atravessados por formações discursivas aliadas ao neoliberalismo e suas facetas.

Do nosso ponto de vista, consideramos importante refletir a respeito do papel da educação na formação dos sujeitos-leitores. Afinal, como diz Paulo Freire (2019), mais do que pensar sobre treino técnico-científico do educando, é preciso falar sobre a formação desse educando, que vai muito além da preparação técnico-científica (FREIRE, 2019, p. 123). Em tempos de enfraquecimento e de invisibilidade das instituições, faz-se urgente e necessário questionar suas motivações, que também são objeto de pesquisa em outros campos de investigação, como, por exemplo, também na sociologia. No que diz respeito ao ponto de vista da AD, o que nos interessa é olhar para o modo de circulação (e de repetição) dos discursos que se inscrevem em formações discursivas aliadas ao neoliberalismo.

Como dito no início deste trabalho, foi a partir da minha prática docente como professora de redação no Ensino Médio e em cursos preparatórios para vestibulares que surgiu o desejo de refletir as práticas de leitura e de produção de texto no âmbito da Educação Básica. De tal modo, fazer esse percurso de leitura, de análise e de interpretação dos gestos de leitura inscritos pelos sujeitos-vestibulandos da UNESP nos permitiu confirmar a heterogeneidade dos processos discursivos dos candidatos, o que valida nossa hipótese neste trabalho: a de que o sujeito não estabiliza o discurso de forma exclusivamente crítica e resistente ao discurso dominante e tampouco está fora da contradição, como se imagina nessa dada condição de produção. Do nosso lugar de pesquisadora e de professora, assumimos o risco de pensar o discurso que se pretende e se imagina impreterivelmente crítico e estabilizado, como é o caso do discurso do sujeito-vestibulando candidato a uma universidade pública.

Dessa feita, partindo, então, das condições socio-históricas e ideológicas as quais determinam esses modos de circulação, propusemo-nos a olhar para o discurso do sujeito-vestibulando crítico como uma formação discursiva que regula as práticas textuais e discursivas durante sua preparação para a prova de redação no vestibular. É por isso que não nos atentamos somente para as fronteiras discursivas sobre o que pode e deve ser dito por um candidato que procura assumir a posição de vestibulando crítico, mas também para as condições de produção dessas discursividades.

Retomando Althusser e Foucault, constatamos que a ideologia neoliberal faz parte de uma “biopolítica do poder”, nos termos foucaultianos, atuando, de modo coercitivo e inconsciente, na formação dos sujeitos. Da nossa perspectiva, se isso acontece, mesmo quando há uma tentativa de resistir a esse discurso, é porque tais discursividades circulam “através do sistema escolar capitalista e outras instâncias e instituições” (ALTHUSSER, 1970, p. 20). Como vimos nos gestos de leitura dos vestibulandos, a partir da inscrição predominantemente crítica ao discurso dominante, esses sujeitos procuram resistir ao discurso aliado a formações

ideológicas capitalistas-neoliberais. No entanto, eles são atravessados por essas mesmas formações às quais buscam resistir.

Desse modo, se desejamos refletir a respeito da construção de uma educação crítica, como circula em diversos âmbitos de trabalho (sobretudo em trabalhos na área da didática e da educação), acreditamos que pensar as discursividades e também a reprodução dos discursos e das práticas pode muito dizer acerca da formação que recebemos desde a infância. Isso porque é pela instituição escolar que somos, corriqueiramente, apresentados ao desenvolvimento de práticas de “falar bem” e de “redigir bem”. A esse respeito, reflete Althusser que a Escola ensina “saberes práticos”, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da “prática” desta (ALTHUSSER, 1970, p. 22). Em outras palavras, isso quer dizer que a instituição escolar leva o sujeito a reproduzir, inconscientemente, estruturas de funcionamento social e de poder já consolidados há muito tempo. Segundo Dardot e Laval defendem:

o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria *conduta dos governados*. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 15 – grifos nossos)

Tal como abordamos ao longo deste trabalho, os sujeitos (sempre assujeitados por uma ideologia) não são livres para agir segundo sua própria vontade. Isso porque são atravessados pela ideologia em sua formação. Pelo fato de haver uma *ideologia dominante*, conforme sustenta Marx, ela, enquanto sistêmica, atravessa o(s) sujeito(s), definindo suas escolhas, seus comportamentos, suas lutas. Desse modo, acreditamos, tal como Althusser, que “a reprodução da força de trabalho exige uma reprodução da submissão às regras da ordem estabelecida” (ALTHUSSER, 1970, p. 21). Dito de outro modo, isso significa que, para assegurar a dominação da classe dominante, é preciso, pela *palavra*, manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão (ALTHUSSER, 1970, p. 21-22 – grifos nossos).

Nessa direção, se é pela e a partir da palavra que os sujeitos são cooptados pela ideologia dominante, acreditamos que entender e olhar para seu uso seja uma via de compreender, pelo menos um pouco, o(s) ponto(s) a partir do(s) qual(is) esse sujeito é atravessado e, podemos dizer, agenciado. A esse respeito, destacamos que, do nosso ponto de vista, uma educação e uma formação de sujeito-leitor crítica acontece quando, nas práticas de ensino, existe a possibilidade de questionamento e de abertura para emergência de sentidos outros. Segundo Freire (1975), mais do que saber ler mecanicamente que “Eva viu a uva”, é necessário compreender qual a posição Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir as uvas e quem lucra com esse trabalho (FREIRE, 1975). Desse modo, acreditamos que reconhecer a ausência da neutralidade em

linguagem e a presença do ideológico nas práticas de ensino é o caminho para formar sujeitos-leitores de modo crítico.

Como sustenta a AD, em seu deslocamento teórico, é pela contradição que temos a oportunidade de compreender quem é o sujeito do discurso. A esse respeito, Pêcheux (1983 [1997]), em *Análise do discurso: três épocas*, faz um questionamento: seria o sujeito aquele que surge por instante, onde o “ego-eu” vacila? Do nosso lugar de reflexão, questionamos em que medida o sujeito-vestibulando da UNESP é um sujeito da *razão vigente neoliberal*, nos termos de Dardot e Laval.

Como efeito de fecho, apontamos que, mesmo que haja o desejo consciente de se deslocar, via processo discursivo, pela resistência aos discursos dominantes, não podemos nos esquecer de que o sujeito, equívoco e contraditório por natureza, também produz e (re)produz aquilo que ele mesmo rejeita. Então, se desejamos fazer deslocar – na movência dos sentidos – mais do que tomar partido e assumir uma posição em uma dada condição, precisamos (aprender a) saber reconhecer quando nossa posição tropeça. Afinal, se é pela metáfora que nos deixamos trans(a)parecer, tal como Pêcheux sustenta, precisamos lutar por ela...

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3ª edição, Campinas, SP – Editora Pontes, 2010

ALMEIDA, B. Foto da atriz Natalie Portman vai parar em outdoor de propaganda de pré-vestibular em MG e viraliza nas redes sociais. G1, Triângulo Mineiro, 24 de julho de 2018. Disponível em: [Foto da atriz Natalie Portman vai parar em outdoor de propaganda de pré-vestibular em MG e viraliza nas redes sociais | Triângulo Mineiro | G1 \(globo.com\)](#) Acesso em: 23 de fevereiro de 2023, às 9h05min

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado (1970)**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Portugal. Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

BIROLI, F. The Backlash against Gender Equality in Latin America: Temporality, Religious Patterns, and the Erosion of Democracy. *LASA FORUM*, Bogotá (Colombia), v. 52, p.22-26, 2020. Disponível em: [LASA Forum | Volume 51 Issue 2 \(lasaweb.org\)](#) – Acesso em: 21 de maio de 2023, às 16h09min

BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Brasil. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995

Boletim sobre Cotas Raciais. Comissão de Direitos Humanos. Instituto de Artes UNESP. 3ª edição. Dez 2017. Disponível em: [Boletim sobre Cotas Raciais \(unesp.br\)](#) – Acesso em: 20 de maio de 2023, às 12h31min

BOURDIEU, P. (1985). **The Forms of Capital**. In J. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241-258). New York: Greenwood, 1985.

BRASIL. (2018) Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: [Ministério da Educação - Ministério da Educação \(mec.gov.br\)](#) – Acesso em: 23 de fevereiro de 2023, às 13h06min

BRASIL. (1971) DECRETO Nº 68.908, DE 13 DE JULHO DE 1971 - PUBLICAÇÃO ORIGINAL. Decreto nº 68.908, de 13 de julho de 1971. Dispõe sobre Concurso Vestibular para admissão aos cursos superiores de graduação. **Legislação Informatizada - Decreto nº 68.908, de 13 de Julho de 1971 - Publicação Original**: Decreto nº 68.908, de 13 de Julho de 1971, Diário Oficial da União: Coleção de Leis do Brasil, ano 1, v. 6, n. 1, p. 75-75, 14 jul. 1971. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](#) - Acesso em: 27 de maio de 2023, às 16h07min

BRASIL. (1977) Decreto Nº 79.298, de 24 De Fevereiro de 1977. Diário das leis altera o decreto 68.90, de 13 de julho de 1971 e das outras providências. Portal de Legislação – Decreto nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977. Decreto disponível em: [Diário das leis - ALTERA O DECRETO 68.908, DE 13 DE JULHO DE 1971, E DA OUTRAS PROVIDENCIAS. \(diariodasleis.com.br\)](#) – Acesso em: 27 de maio de 2023, às 16h36min.

BRITO, L. A. N. **Discurso, leitura e produção textual: uma análise discursiva da escrita de pré-universitários**. 2011. 198p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011

CABRERA, C. G. **Tenho medo, esse era o objetivo deles**: esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil. “Human Rights Watch” (2022). [brazil_lgbt0522pt_web.pdf \(hrw.org\)](https://www.hrw.org/document/2022/04/21/brazil-lgbt0522pt-web.pdf) – Acesso em: 21 de abril de 2023, às 14h09min.

CALÇADE, P. (2018). **Folha de São Paulo**. Caderno Educação, São Paulo, 25 de outubro de 2018. Disponível em: [Na mira de Bolsonaro, Paulo Freire não está no currículo, mas é referência em escolas - 25/10/2018 - Educação - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/folha/educacao/2018/10/25-na-mira-de-bolsonaro-paulo-freire-nao-esta-no-curriculo-mas-e-referencia-em-escolas-25-10-2018-educacao-folha.shtml) – Acesso em: 21 de abril de 2023, às 13h

CASTILHO, M. L. R. **O ensino superior em Marília**: a história da FAFI e da UNESP. Curitiba, PR. Appris Editora, 2020

CAVALCANTI, M. Do C. (1983). Interpretação Pragmática. Princípios retóricos na interação leitor-texto em língua estrangeira. **Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística**. RJ: PUC.

KLEIMAN, A. (1989) **Leitura**: Ensino e Pesquisa. Editora Pontes. Campinas, SP, 1989.

CHOCIAY, R. **Redação no vestibular da UNESP**: a dissertação. Fundação Editora da Unesp, São Paulo, 2008

CORACINI, M. J. **O jogo discursivo na aula de leitura**: língua materna e língua estrangeira. 2ª edição, Campinas, SP – Editora Pontes, 2002

CORREA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. 435p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, Campinas, 1997

CORRÊA, M. L. G. (2002). **Linguagem & comunicação social**: Visões da linguística moderna. São Paulo, Editora Parábola, 2002.

COURTINE, J. J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

COURTINE, J.J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias**. Jun/2016, p. 14-35

CURSO ANGLO. A importância da leitura para os estudos. 2023. Disponível em: [A importância da leitura para os estudos - Curso Anglo](#) – Acesso em: 23 de fevereiro de 2023, às 16h40min

CUSTÓDIO, S. J. Cursinhos como “business”. **Formação Econômica**, Campinas, SP. v.5, p. 21-33, jun. 2000

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016

DAUNAY, B. (1999) La lecture littéraire: les risques d’une mystification. **Recherches**. N°30, 1999

DAUNAY, B. (2007) Le sujet lecteur: une question pour la didactique du français, *Le français aujourd'hui* n° 157, **Sujet lecteur, sujet scripteur: quels enjeux pour la didactique?**, Paris, AFEF-Armand Colin, p. 43-51.

DAUNAY, B. (2016). Quelques réflexions sur le sujet d'une description didactique. *Éducation et didactique*, 10/2, 123-136. *Recherches en didactiques* n° 11, **Enfant-élève-apprenant**, Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion

DUARTE, C. **Uma análise de procedimentos baseada no paradigma indiciário**. 1998. 167p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, Unicamp, Campinas, 1998

FRANCE. (2022) Ministère de l'Éducation. Disponível em: [La voie générale au lycée | Ministère de l'Éducation Nationale et de la Jeunesse](#) – Acesso em 31 de maio de 2023, às 17h13min

FRANCE. Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche. 2023. Disponível em: [Classes préparatoires aux grandes écoles \(CPGE\) | enseignementsup-recherche.gouv.fr](#) – Acesso em: 23 de janeiro de 2023, às 12h21min

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra,

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 61. Ed – Editora Paz e Terra . Rio de Janeiro/São Paulo, 2019.

FREIRE, P. **A importância de ler**. In: _____. *A importância de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989

FERREIRA, M. C. L. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2000.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber (1969)**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso (1971)**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996

GALLI, F. Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.18, n.1, p. 201-218, jan./jun. 2015

GALLI, F. & GARCIA, D. Prática leitora e suas discursividades: formações imaginárias e memória discursiva. **Raído**, Dourados, MS, v.9, n.19, número especial, 2015.

HALLIDAY, M.A.K. e Hazan (1976). **Cohesion in English**, Londres, Longman, 1976.

INDURSKY, F. (1989) A prática discursiva da leitura. *In*: ORLANDI, E. **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: 2ª edição. Editora Pontes, 2003. p. 189-200,

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.) **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, 2007.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2, p. 1-11, 2005. Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...] Porto Alegre: UFRGS, 2005.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre, 2008. internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agi

JAKOBSON, R. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia**. In: Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969

JORGE, M. A. **História da criação da Unesp**. UNESP, 2022. Disponível em: [Unesp | Histórico](#) – Acesso em 25 de abril de 2023, às 19h01min

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1985

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOMESU, F. C. & GALLI, F. Práticas de leitura e escrita em contexto acadêmico: relações (hiper) textuais singulares. **Ráido**, Dourados, MS, v.8 , n.16, jul./dez. 2014

KOMESU, F. C. **Autoria em diferentes grandes áreas do conhecimento**. 2019. Projeto de pesquisa - Unesp/Ibilce, São José do Rio Preto, SP, 2019.

LAGAZZI, S. Algumas considerações sobre o método discursivo. In: LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas, SP. Editora Pontes, 1988

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina, PR: Editora Planta, 2004.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP. Editora Pontes, 2017

MARIANI, B. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. **Trama**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. p. 55–71, 2000.

MATTOS, M. A. B. Linguagem & comunicação social: Visões da lingüística moderna. Notas e Resenhas. **Trab. linguist. apl.** 43 (1) Jun. 2004. Disponível em: [SciELO - Brasil - Linguagem & comunicação social: Visões da lingüística moderna Linguagem & comunicação social: Visões da lingüística moderna](#)

MESQUITA, J. L. Qual a marinha mais antiga do mundo, você sabe? **ESTADÃO**, 6 de junho de 2022. Disponível em: [Qual a Marinha mais antiga do mundo, você sabe? - Mar Sem Fim](#) – Acesso em: 10 de maio de 2023, às 12h45min

MENDONÇA, M.; NEVES, C. A. B. **A redação no vestibular da Unicamp**: o que é e como se avalia. Organização: Márcia Mendonça e Cynthia Agra de Brito Neves. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019

MITTMANN, S; ROSA, M. M. C. **Desenrolar metonímico e metafórico de um tapete no horizonte político**. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. S. (organizadores). Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021

NAGIB, M. **Escola sem partido**. Disponível em: [Quem somos - Escola Sem Partido](#) – Acesso em 20 de abril de 2023, às 10h18min

NOGUEIRA, M. A. **Capital Cultural**. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (Organização). *O Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (103-106)

OLIVEIRA, A. R. Entrevista com Bertrand Daunay e Daniel Bart: Pode-se levar a sério o PISA? **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 23, nº 48, p. 201-215, 2º quadrimestre de 2019

ORLANDI, E. P. **A leitura e os leitores**. 2ª edição - Campinas, SP: Editora Pontes. 2003

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas, SP. Editora Pontes, 2015

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. 5ª edição – Campinas, SP. Editora Pontes, 2009

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª edição. Campinas, SP. Pontes Editores: 2007

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 5ª edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Editora Pontes, 2001

ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, v. 4, p-9-19, 1988.

ORLANDI, E. P. “Segmentar ou recortar”. In: **Linguística**: questões e controvérsias, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos – 10, 1984, pp. 9-26

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8ª edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 2009

PACÍFICO, F. Tema polêmico e perfil crítico: veja expectativas de cursinho para a redação no vestibular da Unicamp. **G1**, Campinas, 10 de janeiro de 2020. Disponível em: [Tema polêmico e perfil crítico: veja expectativas de cursinhos para a redação no vestibular da Unicamp | Campinas e Região | G1 \(globo.com\)](#) – Acesso em: 23 de fevereiro de 2023, às 16h17min

PÊCORA, A. **Problemas de redação**. 3ª tiragem. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002

PÊCHEUX, M. (1975). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. In: GADET, F. & HAK, T. Tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] (org.). 3ª edição. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997

PÊCHEUX, M. **Estrutura ou acontecimento**. 6ª edição. Editora Pontes. Campinas, SP. 2012

PÊCHEUX, M. “Ler o arquivo hoje” (1982). Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: Orlandi, E. P. (Orgs.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. [et al]. 2. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 55-67.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (1975/1988). Campinas, Ed. da UNICAMP, 1995

PÊCHEUX, M. **Remontémons de Foucault à Spinoza**. In: TOLEDO, Mario Monteforte. El discurso político. México, Nueva Imagen, 1980

PEREIRA, R. F. Contribuição para o estudo de problemas de redação. 1990. 231f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1990

POSSENTI, S. (2004). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos, volume 3. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. Organizadoras – São Paulo: Cortez Editora, 2021

POSSENTI, S. (2009). **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, Ed. Parábola, 2009

Provas concorridas ampliam mercado de cursos preparatório. **Terra**. Disponível em: [Provas concorridas ampliam mercado de cursos preparatórios \(terra.com.br\)](#) – Acesso em 12 de maio de 2023, às 9h26min

REZENDE, L. M. **Estudo do instrumento de avaliação**: prova de comunicação e expressão do concurso vestibular-1987 VUNESP. São Paulo: UNESP (Vunesp), 1988. 1- 99

RIEMMA, R. No vestibular boa redação exige leitura ativa e pensamento crítico. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 de maio de 2017. Disponível em: [No vestibular, boa redação exige leitura ativa e pensamento crítico - 14/05/2017 - Educação - Folha de S.Paulo \(uol.com.br\)](#)- Acesso em: 23 de fevereiro de 2023, Às 16h20min

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUFATTO, L. Capitalismo e guerra. **El país**, Espanha, 12 de abril de 2017. Disponível em: [Capitalismo e guerra | Opinião | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#)- Acesso em: 12 de maio de 2023, às 15h30min

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehay; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio ehelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. -- 27. Bd. São Paulo: Cultrix, 2006.

SALDANÃ, P. (2019). **Folha de São Paulo**. Caderno Educação, São Paulo, 06 de janeiro de 2019. Disponível em: [Na mira de Bolsonaro, obra de Paulo Freire é pilar de escolas de elite - 06/01/2019 - Educação - Folha \(uol.com.br\)](#) – Acesso em: 21 de abril de 2023, às 13h08min

SANCHES, I. C. **Citações no vestibular da FUVEST**: a apropriação da palavra do outro e argumentação. 2018. 194p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP, Unesp, Araraquara, 2018.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda, 1996

SOUZA, P.; ENCIDIS UFF. **Gesto**. Youtube, março de 2020. Disponível em: [\(32\) Gesto - Pedro de Souza \(UFSC\) - YouTube](#) - Acesso em: 17 de maio de 2023, às 15h32min

TEIXEIRA, R. P.; BIROLI, F. Contra o gênero: a “ideologia de gênero” na Câmara dos Deputados brasileira. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília (Brasil), v.1, nº 38, p. 1-40, 2022. Disponível em: [SciELO - Brasil - Contra o gênero: a “ideologia de gênero” na Câmara dos Deputados brasileira](#) - Acesso em: 21 de maio de 2023, às 17h17min.

TOKARNIA, M. Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento. **Agência Brasil**. Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, 25 de outubro de 2016. Disponível em: [Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#) – Acesso em: 09 de junho de 2023, às 17h21min

UNESP. Disponível em: [Redação é uma das dificuldades do vestibulando - Notícias - Unesp - Universidade Estadual Paulista - Portal](#) Acesso em 19 de maio de 2023, às 15h15min

VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. 3ª tiragem. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004

VUNESP. Quem somos. Disponível em: [Quem Somos \(vunesp.com.br\)](#) – Acesso em: 27 de maio de 2023, às 16h24min

WANDERLEY, R. C. K. **Da inspiração à interpelação**: o discurso fitness do instagram. 2020. 260p. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife, 2020

WIZIACK, J.; FERNANDES, T.; CARNEIRO, M. **Folha de São Paulo**. Caderno Política, São Paulo, 25 de setembro de 2018. Disponível em: [Bolsonaro quer resgatar educação moral e cívica no currículo das escolas - 25/09/2018 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#) - Acesso em: 21 de abril de 2023, às 13h31min